

# O SANTO GRAAL E O TALISMÃ DA VIRGEM

(Conto de Natal)

(A)  
BOA  
26



BMMB

EDIÇÃO DA  
GRÁFICA EDITORA DO CÁVADO  
ESPOSENDE



Para o velho amigo  
Luís Pedras e sua  
Esposa com o bom desejo



**Santo Graal**  
de um profeta Anobrem  
e o

**Talismã da Virgem**

*Manuel Boaventura*

(Conto de Fatal)

Ano Novo de 1971



BIBLIOTECA MUNICIPAL  
Manuel Boaventura  
Espesende  
Nº 72037



Journal of the  
Royal Society

1850

Volume 10

Part 1





MANUEL DE BOAVENTURA

# O Santo Graal

## E O TALISMÃ DA VIRGEM

---

Quando nasceu Jesus, as estrídulas e festivas hossanias, angelinos corais e divinas músicas descidas do Céu, despertaram os estremunhados e tresnoitados pastores das cercanias de Belém, que guiados pela exuberante luminosidade da estrela Vespertina, se encaminharam para o mísero cabanal, onde, por mingua de hospedarias, se acoitara a peregrina e desamparada Família Nazarena que, em obediência ao Édito romano, viera, das lonjanias de Nazaret, dar preceito ao Recenseamento.

Condoídos daquela pobreza e represos da ínfima humildade do local, os bons dos pastores correram à urbe e aos redís, à cata de mantimentos e roupas para acudir a precária situação da jovem parturiente, feita Mãe aos dezasseis anos; e contemplarem e adorarem o lindo Menino, nascido em tão modestas palhinhas e ervagens.

Abriram os recheados bornais e deles tiraram tâmaras, figos e uvas que o Sol da Arábia transformara em dulçurosas passas; outros ofereceram tarros de leite; em enfusas traziam mel, e cabaças de aromático vinho colhido na generosa Terra da Promissão.

Afadigavam-se outros, a transportar ao cachafeiro, nédios cordeiros, crestões e cabritos.

A corrida ao presépio tornou-se romaria. Tudo para contemplar a formosa Criança, que viera, de longes terras, nascer no mísero redil.

Já tarde da noite, o último a chegar, por vir de afastado povo, era uma figura majestosa, de grisalhas bárbas, que se acostava a nodoso bordão.

Era um guia, um Senhor de grandes rebanhos, um chefe respeitado da pastorícia, porque o sabiam descendente de profetas e da estirpe de Isaías. E a ele próprio, consideravam-no profeta e sábio.

Achegou-se, a veneranda figura, da parturiente para a saudar e beijou os pés do Menino.

Esteve uns momentos em contemplação da Mãe e Filho e os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas, ao contemplar a penúria que os cercava. Disse então:

– Este extraordinário acontecimento, estes divinos cânticos que andam no ar, esta Estrela tão brilhante que tornou a noite de Belem em dia claro – é o anúncio de Deus, a dizer-nos que o Messias Prometido a Isaías – é chegado!

– Hossana! hossana pelo Filho de David!

Da sua barjoleta tirou uma dourada pera e ofereceu-a a Maria de Nazaret:

– Saboreia este fruto, que foi criado nos pomares do Pai Abraão; tem a virtude de te dar remédio à fadiga da longa viagem que fizeste, e o poder de extinguir as dores que te atormentam o corpo.

E saboreado o fruto, Maria sentiu-se livre de dores.

Voltou o ancião a oferecer outra linda pera, dourada, cheirosa, cheia de encanto:

– Esta é destinada ao Menino. Come-a. Foi criada no pomar que Isaías plantou, e a polpa é doce como o mel do Hebron.

Saboreado o delicioso fruto sentiu a bela nazarena a torrente do leite a aflorar ao bico dos peitos: e o seu lindo Bambino saboreava com delícia.

Do fundo do surrão o dadivoso Velho, tirou ainda outro fruto da mesma espécie: era um minúsculo perlito – tão pequeno, mas tão rosado de vermelhinho e ouro, que parecia uma jóia. Com a sua voz profética disse à parturiente:

– Isto que te há de parecer sem valor, é um talismã de que nunca te deves separar: é a Pera-rosa nascida nos floridos jardins do Rei David, entre rosais exuberantes de perfumes, e alfombras de serpol, de violetas, cravinas e alfádegas.

A árvore que a produziu foi acarinhada pelas mãos de Rute e de Débora e só produz – um único fruto! – de dez em dez anos. Tão raro fruto é o talismã, que conservará a mocidade e beleza dos dezasseis anos, que hoje tens, por toda a Vida. Não te separe deste lindo fruto, mesmo depois de mumificado, porque é eterno.

Dito isto beijou as Mãos de Maria, beijou os pezinhos ao rosado Menino e retirou-se.

.....

Maria ficou a contemplar o pequenino fruto e aligeirou-se-lhe que saiam dele reflexos de pedras preciosas e pepitas auríferas na coloração.

Atou ao pedúnculo um negalho de fita e colocou-o ao pescoço.

Pela vida fora, a formosa Maria de Nazaret, conservou sempre a frescura da sua Mocidade, até ao drama trágico do Calvário.

Então, aproximou-se do bom José de Arimateia, que recolhia no Graal – o vaso por que Jesus bebera na última Ceia – o sangue derramado pelo Homem-Deus e lançou dentro a preciosa Joia ressequida mas a rescender aromas celestes. Ao caridoso homem disse:

– Para que quero a Mocidade? Só me aprás acompanhar ao Céu o Filho querido . . .

Pela vida fóra, a sempre juvenil Maria foi conservando a frescura da radiosa Mocidade, que tinha nesse dia assinalado, em que o Emissário Celeste a visitou, a preveni-la da Vinda do Messias.

.....

O venturoso Lar Nazareno, em sua mediania, vivia feliz.

Maria fiava, na sua roca, o sedoso linho das margens do Jordão; o bom Carpinteiro José trabalhava de sol-a-sol para ter mimosa a Santa Família; e o querido Menino pastoreava o pequeno rebanho de cordeiros e mansas ovelhinhas.

.....

Mais de trinta anos, durou a calma, até aos inícios das Pregações, e consequentes perseguições, que remataram no doloroso e trágico drama do Calvário . . .

Então a Mater Dolorosa e Angustiada abeirou-se do condoído José de Arimateia, que recolhia no Graal – o sangue derramado pelo Homem-Deus, e lançou dentro do copo o talismã – joia-múmia ressequida, mas a rescender, aromas celestiais – que o Maioral dos Pastores de Belem lhe havia oferecido, trinta e três anos antes. E alagada em lágrimas!

– Para quê o Sempre Moça? Só a morte aliviará a Minha Dor!

.....

Reza a lenda que envolve o mistério do esconderilho do Santo Graal que, o compassivo José de Arimateia, após ter recolhido, gota-a-gota, o precioso Sangue de Jesus Cristo, na própria taça que o Mestre usara na Última Ceia, se alongara a longínquas paragens, a acautelar a preciosa reliquia e evitar-lhe a profanação dos deícidas e infiéis, numa floresta, na riba marinha do Mediterrâneo.



Onde teria o bom homem de Arimateia guardado o Santo Graal? Até alturas da Idade Média, a despeito de inúmeras pesquisas ninguém o descortinou.

Os Cavaleiros da Tábula Redonda – doze como os Apóstolos e os Pares de França! – calcorrearam, em demanda do Graal, todas as florestas da orla Mediterrânea, na ânsia de encontrarem a Sagrada Relíquia. Tudo em vão . . .

Aconteceu, então, entre eles, outra lendária suposição, que atribui aos Anjos a descobrimento do precioso tesouro, e o terem transportado para o Céu, devolvendo à Virgem Mãe o presente do pastor-profeta.

Mas a sempre Boa Maria de Nazarét, em Eternidade Perpétua, dispensava o talismã, que se valorizara na sua posse, e chamou o seu Anjo Anunciador para uma missão secreta, que era encarrega-lo de descer à Terra em demanda da Noiva Perfeita, que reunisse o máximo, senão a totalidade de Virtudes: Honestidade, Caridade, Fé, Prudência, Labor . . . e restantes requisitos, próprios da Mulher Modelo.

A essa seria entregue a ambicionada joia.

Acreditavam os idealistas da Tábula Redonda – no seu tempo já se vê! – que o Anjo Procurador depois de ter percorrido os três cantos do Munho conhecido, se quedara fatigado e desconsolado, por não ter encontrado quem pudesse herdar o talismã-múmia, que ordara o colo da Divina Maria de Nazarét . . .

## **NATAL DE 1970**

*Manuel de Boaventura*

Composto e Impreso  
GRECA - ESPOSENDE





72037

O Santo Graal e